

COLERA

**Apesar da gravidade potencial de um surto de cólera em Santos, a população duvida:
“ou o caso é grave mesmo, ou isso é coisa de ano eleitoral”**

Cólera?! que bicho é esse?

Pedro Ribeiro, ginásio incompleto, comia mariscos num bar da orla marítima de Santos, indiferente à recomendação da Secretaria de Saúde do Estado - publicada em todos os jornais, divulgada pelas estações de rádio e TV.

- Eu vi na televisão, sim. Falaram prá não comer verduras cruas nem ostras e mariscos. O cara falou nessa tal de cólera mas eu nem dei bola, porque todo dia tão falando em poluição nas praias daqui, né? E eu tô cansado de nadar ai, nunca tive nada. Tô com 28 anos e nunca fiquei doente por causa do mar. Então, eu acho que se fosse coisa séria mesmo eles fechavam a praia, não é não? se fosse perigo, no duro, recolhiam tudo que é marisco e ostra...

Há outros milhares de incrédulos. E, por trás desse sentimento, um raciocínio lógico: as mesmas autoridades que na noite do último dia 14, após uma longa reunião espalharam nota oficial comunicando o encontro do vibrião colérico (bactéria que transmite a cólera) no esgoto da cidade de Santos, afirmaram no dia seguinte que esperavam por tal descoberta desde 1974.

- Já esperávamos por ele, só que o bichinho atrasou! - disse o médico Aurélio da Silva Rocha, diretor do Hospital Guilherme Álvaro, em Santos, que vem servindo de isolamento para todos os suspeitos de terem contraído a cólera.

- Ora, se já sabiam disso, por que nestes últimos quatro anos eles não preparam a população, prevenindo sobre a necessidade de se lavar as mãos cuidadosamente antes das refeições, ter cuidado com hortaliças, ostras e mariscos, fervor a água antes de beber, e todas essas recomendações que vêm fazendo agora? - pergunta o jornalista Alvaro de Carvalho Júnior, que há quase duas semanas tem-se dedicado ao assunto, entrevistando médicos e sanitários diariamente (sem, contudo, ter encontrado resposta para esta dúvida).

Repórteres habituados a cobrir esses “fenômenos” que têm assolado o litoral paulista nos últimos anos - como a poluição das praias e do mar, o surto de encefalite e, agora a cólera - têm estranhado a eficiência estadual no trabalho de prevenção dos santistas quanto aos perigos da cólera. A população também estranha o aparato.

- De duas uma: ou o caso é grave mesmo, ou isso é coisa de ano eleitoral. - Diz Rafael Dantas, que trabalha com computadores.

Na noite do dia 14, assim que revelou o encontro da perigosa bactéria, o Secretário Estadual da Saúde, Walter Leser, tratou de despachar para Santos um caminhão carregado de leitos especiais (que permitem ao paciente evacuar deitado), soro e antibiótico, a sim como agulhas “Butterfly”, muito grossas, que servem para hidratar uma pessoa com muita rapidez. Isto, porque os portadores do Vibrião Colérico sofrem diarréia intensa, chegando a perder até dois litros por hora, e é preciso reidratá-los com maior quantidade de líquido em menor tempo.

No dia 6, um sábado de sol firme, chegaram a Santos 16 equipes da Cetesb para patrulhar as praias auxiliadas por soldados da Polícia Militar. A prefeitura, por determinação das autoridades sanitárias, interditou 100 metros de cada lado dos seis canais de escoamento que cortam a cidade e chegam ao mar. E com o risco da cólera é preciso manter esse isolamento para evitar contágio, uma vez que os canais santistas recebem hoje despejos provenientes de milhares de ligações clandestinas de esgotos, num volume estimado pela própria Sabesp em 800 litros por segundo.

Policiais e engenheiros da Cetesb surpreenderam-se com alguns banhistas:

- Eles não acreditam em nada! - disse um soldado após apitar para que alguns rapazes saíssem da água, próximo a um dos canais.

Além desse cuidado, a Secretaria da Saúde providenciou para que a Sabesp aumentasse a cloração da água de abastecimento e dos canais, fez com que a Cetesb intensificasse a coleta e exame de amostras em vários outros pontos da cidade. Pediu urgência ao Instituto Adolfo Lutz na análise das amostras colhidas junto aos pacientes suspeitos (até a última quarta-feira já haviam passado cerca de 80 pessoas pelos testes primários). E intensificou a distribuição de cloro às pessoas que não são servidas pela rede da Sabesp, além de distribuir milhares de folhetos por Santos com recomendações de Higiene, e exigir que todos os Pronto-Socorros e Hospitais notificassem os casos de diarréia aquosa profusa ao Hospital Guilherme Álvaro.

Tudo isso funcionou conforme o previsto - com exceção de pequenas divergências de opinião. O chefe da

Divisão Regional de Saúde do Litoral, João Dantas Romero Filho, por exemplo, assegurou que qualquer hospital de Santos poderia tratar dos doentes de cólera e por isso ele, pessoalmente, não recomendava a transferência dessas pessoas ao Hospital Guilherme Álvaro - cujo diretor, Aurélio da Silva Rocha, comentou ser esta uma atitude absurda.

“Já pensou se a cólera fosse no Nordeste?”

- Então, por que é que o Leser me mandou todo esse bagulho num caminhão que chegou aqui de madrugada, além de termos que convocar todo o corpo clínico e preparar nossos 486 funcionários para qualquer eventualidade? O pessoal tá todo de prontidão, não pode nem sequer deixar a cidade... a troco de que?

Aurélio também discordou de Romero quanto à advertência aos Hospitais e Pronto-Socorros: o chefe da DRS disse que eram para ser comunicados os casos supeitos de pessoas com mais de cinco anos de idade, enquanto Aurélio afirmava que mesmo crianças abaixo disso estão sujeitas a contrair a moléstia.

- Afinal elas também estão vivas, não é?

Com muito custo os técnicos conseguiram colher as amostras necessárias, na praia que habitualmente é utilizada para exercícios dos fuzileiros navais.

Mas além da indiferença dos santistas misturada à apreensão e uma minoria, surgiu uma terceira corrente - aquela que há muito tempo afirma que a cidade vem sofrendo uma campanha de desmoralização. Embora jamais tenham identificado o gerador de tal campanha. Trata-se do comércio. A opinião mais significativa foi a do presidente do Sindicato de Hotéis e Similares de Santos, Ayres Rodrigues:

- Depois da cólera, só mesmo a bomba atômica!

Entre cuidados e lamentações, a triste constatação de que todos os pacientes-suspeitos são pessoas de baixa renda.

- É mais uma doença de pobre que chega. - Disse o médico Aurélio Rocha, com seu sotaque nordestino, de certa forma aliviado pela cólera ter entrado no país através de Santos.

- Já pensou, meu velho, se ela começa no Nordeste?

(José Meirelles Passos)